

Tradução e análise de um poema em prosa de Ivan Turguêniev

Rubens Figueiredo

O cachorro

Nós dois no quarto: meu cachorro e eu. Lá fora, a tempestade uiva, desenfreada, assustadora.

O cachorro está sentado à minha frente – e me olha direto nos olhos.

Eu também miro nos olhos dele.

Parece que quer me dizer alguma coisa. É mudo, não tem fala, nem entende a si mesmo – mas eu o entendo.

Entendo que neste instante, nele e em mim, vive o mesmo sentimento e entre nós não existe a menor diferença. Somos idênticos; em cada um, arde e brilha a mesma chama, pequena e trêmula.

A morte virá voando, vai abanar sobre essa chama sua asa fria e larga...

E fim!

Depois, quem poderá distinguir que chama ardeu em cada um de nós?

Não! Não são um animal e um homem que se olham...

São dois pares de olhos idênticos, concentrados um no outro.

E em cada par de olhos, no animal e no homem, a mesma vida assustada se agarra no outro par.

fevereiro de 1878

(do livro *Senilia. Poemas em prosa*
[*Senilia. Stikhotvoriénia v prosie*])

СОБАКА

Нас двое в комнате: собака моя и я. На дворе вóет страшная, нейíстовая буря.

Собака сидит передо мною – и смóтрит мне прямо в глаза.

И я тоже гляжу ей в глаза.

Она словно хочет сказать мне что-то. Она немáя, она без слов, она сама себя не понимает – но я ее понимаю.

Я понимаю, что в это мгновенье и в ней и во мне живет одно и то же чувство, что между нами нет никакой разницы. Мы тожéственны; в каждом из нас горит и светится тот же трепётный огонёк.

Смерть налетит, махнет на него своим холодным широким крылóm...

И конец!

Кто потом разберёт, какой именно в каждом из нас горел огонёк?

Нет! это не животное и не человек меняются взглядами...

Это две пары одинаковых глаз устремлèны друг на друга.

И в каждой из этих пар, в животном и в человеке – одна и та же жизнь жмётся пугливо к другой.

Февраль, 1878

Ao traduzir o poema em prosa “O cachorro”, de Ivan Turguêniev, e realizar as sucessivas alterações de praxe nesse tipo de trabalho, me dei conta de algo que não havia notado nas primeiras leituras. Trata-se da presença de uma dinâmica recorrente, que sem dúvida reforça a estrutura do poema, sua coerência interna e seu significado geral. Tentarei mostrar como o poema se organiza em torno de uma movimentação incessante entre unir e separar, compor e decompor, dobrar e desdobrar, fechar e abrir. Em outras palavras, entre o um e o dois.

Primeiro, cabe lembrar a relevância específica das descrições na prosa de Turguêniev. Nos contos, novelas e romances, suas descrições valem como capítulos à parte. São momentos em que o pano de fundo assume o primeiro plano com certa autonomia. O ritmo da leitura desacelera de modo acentuado, tende a frear, e o leitor se vê conduzido para uma nova experiência de reflexão. Para todos os efeitos, abre-se uma perspectiva diferente, a partir da qual a figura e a ação dos personagens adquirem maior alcance e profundidade. E ao mesmo tempo, nesses trechos, o uso de procedimentos de linguagem e de construção se multiplicam de maneira concentrada.

Minha hipótese é que, nos poemas em prosa, muitas vezes, Turguêniev aplica à representação da vida mental um tratamento literário comparável ao que adota em suas descrições, nos romances e nos contos. Por assim dizer, Turguêniev elabora paisagens interiores. Nelas, a introspecção corresponde a movimentos concentrados, contidos no âmbito, ou na moldura, de um quadro bem delimitado pelo próprio poema.

No caso do poema em prosa “O cachorro”, a dinâmica a que me referi pode ser apontada logo na passagem do título, que indica uma unidade (“O cachorro”), para as primeiras palavras, “Нас двое”

(Nós dois), que indicam dualidade. Observe-se, porém, que essas duas palavras exprimem o conceito de dois elementos unidos num só (Нас e, especialmente, двое). Estas, por sua vez, são logo seguidas por “собака моя и я” (meu cachorro e eu), em que a dualidade conceitual anterior é concretamente desmembrada em duas unidades independentes (tanto na forma linguística quanto no mundo representado: eu e o cachorro).

A seguir, quando o poema diz “Собака сидит передо мною” (o cachorro está sentado à minha frente), se estabelece uma distância (separação) concreta, no espaço, entre os dois personagens. Mas logo o movimento de unir retorna, por meio do olhar que trocam. E nesse ponto eu vou me deter nas palavras “я тоже гляжу” (eu também olho), ou mais especificamente na palavra тоже, que exerce uma função importante no poema.

Aqui, a palavra significa “também” (que implica identificação, o movimento de unir). Mas a seguir virão formas linguísticas próximas a ela: “одно и то же” (o mesmo; literalmente, “um e o mesmo”); “тот же” (o mesmo); “одна и та же” (a mesma, ou “uma e a mesma”). Nesse quadro de recorrências, vale destacar que, na primeira ocorrência, a forma тоже une num só vocábulo as duas partes que serão desmembradas nas expressões irmãs que virão a seguir (то же, та же, тот же). Ou seja, temos aqui, no plano da própria forma linguística, o mesmo movimento de unir e separar (1 e 2). O que é reforçado, aliás, pela presença do numeral одно (e одна), que indica, por excelência, a unidade, justamente nas expressões em que “то же” aparece como duas unidades lexicais separadas (“одно и то же”; “одна и та же”).

Nesse ponto, ressalto ainda a função da palavra “Тожественны”, na qual a mesma forma тоже ressurge nas primeiras duas sílabas. Significa “idêntico” e tem, no

poema, um par sinônimo, na forma “одинаковых”, que traz nas primeiras duas sílabas o numeral один (um). Ou seja, o idêntico se desdobra (se separa) num par sinônimo, a partir das formas “também” (тоже) e “um” (один), que implicam ambas a noção de unidade.

Vejamos esquematicamente como esse movimento se adensa na quinta estrofe:

в это мгновенье (nesse instante) (1)
и в ней и во мне (nele e em mim) (2)
живет одно и то же чувство (vive o mesmo sentimento) (1)
между нами (entre nós) (2)
никакой разницы (nenhuma diferença) (1)
Мы тождественны (nós somos idênticos) (2, embora idênticos)
в каждом из нас (em cada um de nós) (2, separados)
светится тот же трепётный огонёк (brilha a mesma chama trêmula) (1)

A seguir, no entanto, o poema parece desafiar o processo que ele mesmo vem estruturando, quando pergunta: “Depois, quem poderá distinguir” (ou seja, separar). Apesar disso, em seguida, o poema persiste no mesmo movimento. Vejamos:

Кто потом (Quem depois) (2; separar no tempo: agora e depois)
Разберёт (poderá distinguir) (2; separar, no próprio sentido do verbo)
какой именно горел огонёк (que chama exatamente ardeu) (1; uma só, e exatamente uma)
в каждом из нас (em cada um de nós) (2; separar)

A mesma dinâmica prossegue:

это не животное и не человек (Não são um animal e um homem) (2; separados na forma linguística, embora o texto afirme que não são dois)

Это две пары (são dois pares) (2; porém trata-se agora de uma dualidade em dobro: dois pares; ou seja, é a decomposição de duas unidades simples em duas unidades compostas)

одинаковых глаз (olhos idênticos) (1; unir; pois os olhos são idênticos; observe-se que a forma один vem logo depois de две)

устремлены друг на друга (concentrados um no outro) (2; separar; aqui, cabe ressaltar que a forma “друг на друга” não só enfatiza um desmembramento em duas unidades – um e outro -- como também representa concretamente, na repetição da palavra “друг”, um par de unidades idênticas, como um verdadeiro par de olhos, cravado no corpo do texto).

E ainda, no final do poema:

в каждой из этих пар, в животном и в человеке (em cada um desses pares, no animal e no homem) (2; separar; e aqui trata-se de separar duas vezes, pois são dois pares dentro de um par)

одна и та же жизнь (a mesma vida) (1; unir; a vida é uma só)

жмётся пуливно к другой (se agarra assustado no outro par) (2; separar; pois a palavra “outro” implica o segundo elemento, o segundo par; observe-se, em contrapartida, que a palavra жмётся, “se agarra”, acusa a persistência do movimento de unir).

Desse modo, as últimas quatro palavras do poema afirmam que a mesma dinâmica continua ativa, separando e unindo de modo concomitante, sem encontrar um ponto de repouso.

Por último, uma observação: o poema diz que a morte vai abanar, sobre a chama da vida, sua “холодным широким крылом” (asa fria e larga). A palavra asa vem no singular, o que é uma improbabilidade fisiológica: no mundo natural, as asas existem em pares, ou em múltiplos de dois. Poderíamos, talvez, dizer que se trata de uma imagem poética convencional. Porém aqui eu creio que o detalhe é pertinente. Chama a atenção para a ideia de que, no mundo das criaturas vivas, em que toda

unidade se mostra instável e frágil, em que toda unidade se vê repetidamente compelida a se separar, a se decompor, em face da tempestade, que “uiva desenfreada” lá fora – nesse mundo, eu dizia, é só a morte que conserva sua unidade, “fria, larga”. Mesmo nesse improvável movimento de abrir e fechar uma asa única.

Referências:

Senilia. Стихотворения в прозе (1978-1882).
In:

И. С. Тургенев. Полное собрание сочинений и писем в тридцати томах. Том десятый. Издательство Наука. Москва. 1982

(*Senilia. Poemas em prosa. (1878-1882).* *In:* I. S. Turguêniev. *Obra completa e cartas em trinta volumes. Décimo volume.* Editora Naúka. Moscou. 1982.

